

# O DOCENTE, O USO DO DICIONÁRIO E O ENSINO DE VOCABULÁRIO EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DIAGNÓSTICO

*Julianna Bezerra Vital<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este trabalho teve por objetivo identificar as relações estabelecidas entre o professor de LE nas séries finais de Ensino Fundamental e o dicionário enquanto recurso de ensino. Partindo das respostas fornecidas por trinta e nove (39) docentes da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS (2005), o presente estudo propôs traçar um perfil, ainda que parcial, dos professores enquanto consultentes, bem como suas percepções quanto ao emprego da obra lexicográfica em atividades que explorem ensino de vocabulário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lexicografia pedagógica, dicionário, ensino de vocabulário.

**ABSTRACT:** This paper aimed to investigate the relations built between the foreign language teacher and the dictionary as a pedagogical tool at high school level. Based on the answers given by thirty-nine (39) teachers from public schools at Campo Grande-MS, the present research intended to delineate a profile, even a limited one, about the teachers' behavior as dictionary users. Another goal of this study was to describe the teachers' point of view on the use of dictionary during teaching activities that explore vocabulary learning.

**KEYWORDS:** Pedagogical lexicography, dictionary, vocabulary teaching.

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras, na área de Estudos Lingüísticos, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); professora de Língua Inglesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus Cuiabá. E-mail: [julianna\\_vital@yahoo.com.br](mailto:julianna_vital@yahoo.com.br).

## INTRODUÇÃO

Para Sapir (1969, p. 21), a língua (especialmente o léxico) é organizadora da experiência de uma comunidade. Já Matoré (1953, p. 34-36) vê a palavra como uma categorização do pensamento individual e coletivo, permitindo assim uma maior objetividade da consciência e percepção subjetivas. De qualquer forma, ambos percebem que o acervo vocabular de uma língua, mais do que um sistema classificatório da experiência humana, constitui-se como elemento mediador entre o falante e o mundo que o cerca, à medida em que lhe possibilita o acesso às experiências do grupo.

Nesse sentido, Biderman (2001, p. 179) declara que “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da cultura através das idades”. Partindo desse pressuposto, podemos dizer que o repertório lexical pode favorecer não somente a competência lingüística do falante, mas também a sua própria interação com a comunidade lingüística em que está inserido.

Temos, assim, no léxico, um acervo lingüístico-cultural que não só identifica um dado grupo, como também possibilita o acesso de falantes (nativos ou não) ao seu microcosmo social. Por essa razão, defendemos que o conhecimento lexical<sup>2</sup> de um indivíduo determinará, até certo ponto, a sua mobilidade dentro dos universos semânticos que se estabelecem em uma cultura ou sociedade. Nesse sentido, a escola, segundo Cardoso (2003, p. 32), possui como tarefa fundamental levar o aluno ao domínio dos diferentes universos semânticos considerados importantes para o grupo.

Com base no exposto, entendemos o ensino do léxico, especialmente no caso de uma Língua Estrangeira, como um aspecto importante durante a formação do estudante, já que pode possibilitar o desenvolvimento tanto de seu repertório lingüístico quanto do cultural. Para auxiliar nes-

---

<sup>2</sup> Adotamos nesta pesquisa o mesmo conceito de Scaramucci (1997) e Richards (1976) acerca de conhecimento lexical que, segundo os autores, inclui, além do reconhecimento das palavras e de seus significados, a aprendizagem das seguintes facetas da unidade léxica: freqüência; colocabilidade; abrangência e limitação no uso de uma palavra; derivações e flexões; propriedades gramaticais e estruturais; constituições e identificação de rede de associações; valor denotativo e conotativo.

se processo de aquisição de “universos semânticos”, acreditamos ser o dicionário uma importante ferramenta pedagógica, porque proporciona, além de informações lingüísticas, dados culturais de uma sociedade. De fato, o dicionário, enquanto “fenômeno verbal complexo” e “depósito da memória social do léxico” (LARA, 2004, p. 143), constitui-se como uma significativa fonte de aprendizagem lexical. Biderman (1992, p. 552) chama a atenção não somente para a função didática, mas também social que o dicionário pode assumir e defende que este pode ajudar na ampliação do “universo nocional e lingüístico” do falante.

De fato, o dicionário tem, nos últimos anos, despertado um crescente interesse entre aqueles que, direta ou indiretamente, estejam ligados ao ensino de LE, graças ao avanço sentido nas áreas da Lexicografia e Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas que tem possibilitado a reflexão acerca de novas possibilidades para uma aprendizagem mais efetiva de uma língua. Como exemplo, podemos citar a redescoberta do papel do vocabulário em aulas de LE que, embora sempre tenha estado presente nas diversas propostas pedagógicas, goza hoje do *status* de habilidade na aprendizagem de uma língua e que, portanto, merece estratégias específicas para sua aquisição.

Assim, diante da percepção da importância da obra lexicográfica e de sua potencial contribuição para as aulas de língua, bem como da observação empírica de sua reduzida utilização no ambiente escolar, decidimo-nos pela produção de um trabalho voltado para o uso do dicionário em aulas de língua inglesa no Ensino Fundamental em estabelecimentos de ensino regular.

Nossa escolha por essa clientela específica pautou-se em pelo menos duas razões básicas: 1) a escassez de trabalhos voltados especificamente para o uso do dicionário por estudantes com pouco conhecimento da língua-alvo; e 2) a aparente subutilização e falta de prestígio do dicionário no contexto escolar.

No que se refere à primeira razão, por meio de levantamento bibliográfico (internet, bancos oficiais de teses, artigos e publicações), verificamos que pode ser encontrado no cenário internacional um número

bastante significativo de trabalhos voltados para o uso do dicionário e de seus efeitos nos aprendizes. No entanto, conforme reconhece Nation (2002, p. 283), boa parte dos estudos desenvolvidos tem envolvido apenas estudantes de LE com alto grau de proficiência, enquanto isso muito pouco tem sido discutido sobre o uso de dicionário por indivíduos de pouca proficiência em LE e os possíveis efeitos que o treinamento na utilização da obra lexicográfica poderia proporcionar a esse tipo de público.

Já a segunda razão emergiu de observações oriundas de nossa experiência docente em que percebemos que, não raro, o dicionário tem sido subutilizado. Geralmente, é considerado apenas como livro que pode fornecer “o significado das palavras”, negligenciando-se, desta forma, todas as demais informações lingüísticas que ele pode oferecer ao usuário. Além disso, sua capacidade didática parece não estar bem consolidada no ambiente escolar, especialmente nas aulas de LE da Rede Oficial de Ensino.

Por essa razão, consideramos relevante a realização de um estudo que abordasse as relações existentes entre o dicionário, professores e estudantes de LE, a fim de verificar quais as representações<sup>3</sup> e dificuldades que os sujeitos desse contexto específico de ensino apresentam em relação à obra lexicográfica.

Além disso, a pesquisa objetiva identificar as reais condições de uso do dicionário no espaço escolar e propor alternativas que possam contribuir para a mudança do quadro detectado. Acreditamos, contudo, que nossas investigações possam oferecer contribuições não apenas ao espaço imediato das instituições de ensino, professores e alunos, mas também àqueles que se dedicam à produção dos dicionários no Brasil, os lexicógrafos, considerando que o público escolar constitui, digamos assim, uma “grande fatia” do mercado lexicográfico brasileiro, se comparado com o número de estudantes de língua estrangeira matriculados em escolas da rede oficial de ensino com a clientela atendida pelos cursos livres de idiomas.

Assim, o conhecimento do comportamento desses prospectivos consultentes e do grupo docente, que pode se configurar como uma

---

<sup>3</sup> Representações estão sendo entendidas aqui como o conjunto de crenças que os indivíduos possuem em relação a determinado assunto.

grande influência tanto na aquisição como utilização do produto lexicográfico, parece, a nosso ver, de grande interesse para os que trabalham com uma Lexicografia dedicada a auxiliar na aprendizagem dos usuários de dicionários, conhecida como Lexicografia Pedagógica (LP).

Neste espaço, porém, direcionaremos nossas atenções apenas à figura do docente, como objetivos documentar a visão de professores acerca do dicionário escolar de Língua Inglesa (LI), bem como descrever atividades em que o professor emprega o dicionário em aula e como isso se relaciona com a sua visão de ensino de vocabulário.

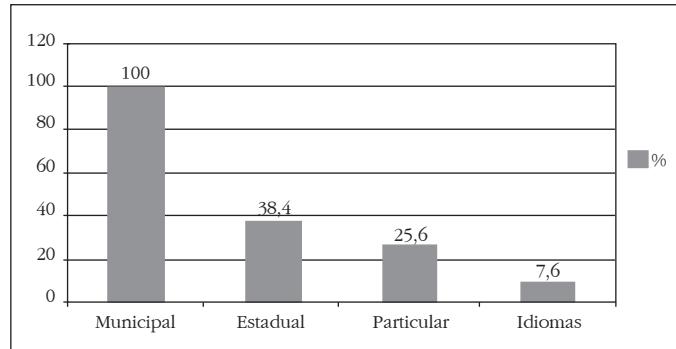
## O PERFIL DOS DOCENTES

No que se refere às nossas escolhas metodológicas, a presente pesquisa está pautada nas contribuições teóricas da Lexicologia e da Lexicografia, em especial da Lexicografia Pedagógica, voltada para o estudo e a análise de dicionários utilizados por estudantes. Destaca-se, também, como referência metodológica, a obra de Humberto Hernández, *Los diccionarios de orientación escolar* (1989).

Inicialmente, durante dois encontros de capacitação continuada oferecida aos professores da disciplina Língua Inglesa (2005), foram aplicados questionários a trinta e nove docentes integrantes do quadro do magistério da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS, promovidos pela Divisão de Componente Curricular Língua Estrangeira, vinculada à Secretaria Municipal de Educação (Semed). Em seguida, realizamos a análise qualitativa e quantitativa dos dados. A partir desse *corpus*, nos propusemos a descrever as representações docentes acerca da obra lexicográfica bem como de seu emprego como ferramenta de ensino-aprendizagem em aulas de língua inglesa.

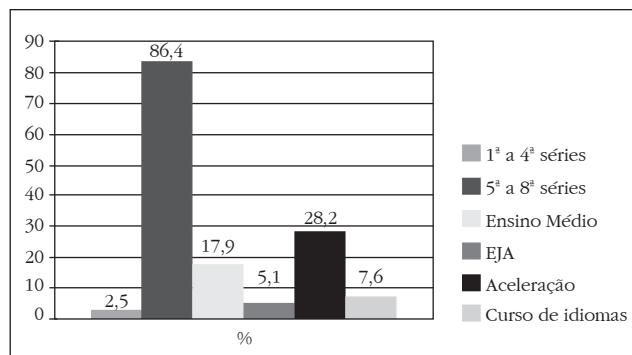
Responderam ao questionário professores de LE em exercício na cidade de Campo Grande-MS, todos pertencentes ao quadro do magistério da rede municipal de ensino e, dentre eles, alguns atuantes em outras redes de ensino da localidade, conforme demonstra a Figura 1.

**Figura 1.** Instituições de Ensino em que Atuam os Docentes que Participaram do Estudo.



Além disso, como podemos verificar na Figura 2, a maioria dos docentes que respondeu aos questionários atua junto a alunos da 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental. Assim, muitas de suas observações relacionam-se ao contexto de ensino de LE como componente curricular de escolas regulares da rede oficial de ensino.

**Figura 2.** Níveis de Ensino em que Atuam os Professores de LE da Rede Oficial de Ensino.



Outra informação importante a ser considerada é o fato de 100% dos professores consultados possuírem curso superior completo, com habilitação em Letras. Desses, 51,4% concluíram a graduação até o ano

2000. Além disso, 53,8% têm, no máximo, cinco anos de experiência docente. São, portanto, produtos recentes das instituições de nível superior. Um dos fatores que podem ter contribuído para as características desse corpo docente é a política de contratação da rede municipal de ensino de Campo Grande.

Desde 2001, já foram realizados três concursos públicos para o magistério, exigindo como requisito básico habilitação na área de atuação. O mesmo critério tem sido aplicado aos professores que trabalham sob regime de contratação temporária. Esse tipo de exigência tem ajudado a diminuir o número de docentes ministrando aulas de língua inglesa sem formação específica, quadro muito comum há poucos anos na localidade.

Finalmente, 37% dos sujeitos declaram ter cursado uma pós-graduação em nível de especialização, sendo 53,8% dessas especializações direcionadas ao ensino de língua estrangeira. Temos, assim, um grupo em início de carreira, com habilitação superior para o ensino de LE e que possui como principal clientela alunos do ensino regular.

Por ora, consideramos que os dados aqui descritos puderam introduzir o leitor ao segmento docente do universo desta pesquisa. Os demais surgirão durante a discussão que se segue.

## **O PERFIL DO DOCENTE ENQUANTO CONSULENTE: VISÃO DE APRENDIZ OU DE PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA?**

Comecemos com o perfil dos docentes enquanto usuários de dicionário. De acordo com a pesquisa, 94,8% deles afirmaram possuir um dicionário de inglês de uso pessoal, embora apenas 25,6% relatem dispor de mais de uma obra. Partindo do princípio de que “todo dicionário é resultado de uma série de opções” (FERNÁNDEZ-SEVILHA, 1974, p. 58), consideramos que as obras lexicográficas apresentam como traço intrínseco a incompletude, sendo, por isso, sempre útil a consulta a mais de uma obra, o que parece não acontecer com 74,4% dos professores em questão.

Quando solicitado o título das obras<sup>4</sup>, 25 % dos docentes não mencionaram o nome da obra de uso pessoal; alguns até reconheceram não se lembrar do nome, citando a editora ou mesmo descrevendo a obra (cor, tamanho) para identificá-la. Importante registrar que essa mesma dificuldade também foi identificada entre os alunos sujeitos desta pesquisa. Essa deficiência na “*dicitonary user's reference competence*”, isto é, a capacidade de fornecer dados bibliográficos sobre o próprio dicionário, ao que parece, não é um problema restrito ao grupo por nós observado. Hartmann (1999, p. 44), por exemplo, detectou, junto a estudantes universitários, que 20% não conseguem citar o título de suas obras lexicográficas de uso pessoal.

O problema, porém, é que os sujeitos do estudo de Hartmann são universitários e não professores de língua estrangeira. Isso pode ser um indício de que os docentes apresentam comportamento de “consulente aprendiz de LE” em vez de “consulente instrutor de LE”. Essa hipótese parece confirmar-se quando constatamos que, do número total de dicionários citados pelos professores como de seu uso pessoal (18 títulos diferentes), 20% foram títulos de dicionários monolíngües, 10,2% de semibilíngües e 64% de bilíngües, o que evidencia que a maioria dos professores e dos alunos desta pesquisa faz uso da mesma tipologia de dicionários.

A preferência pelo dicionário bilíngüe pode estar relacionada ao nível de proficiência em L2. Segundo Carter e MacCarthy (1996, p. 52), os bilíngües são, na maioria das vezes, empregados por usuários em estágios iniciais de aprendizagem de L2. Também Hatch e Brown (1995, p. 383) sugerem a existência de uma progressão no tipo de dicionário utilizado pelo aprendiz de L2, sendo os bilíngües preferidos por aprendizes em estágios anteriores ao avançado. De fato, Nation (2002, p. 283) reconhece que um nível razoável de conhecimento na língua-alvo é necessário para a utilização de um dicionário monolíngüe. Diante dessas considerações, somos levados a nos perguntar: qual é o nível de conhecimento em língua estrangeira dos graduados em Letras?

---

<sup>4</sup> Solicitação feita por meio da pergunta “Você possui algum dicionário de uso pessoal? Qual(ais)? (nome e editora, se possível)”, que integra o questionário específico aplicado a docentes.

De acordo com os dados obtidos, 45,7 % dos docentes observados provêm de Instituições Superiores privadas, muitas delas com rendimentos aquém das públicas, segundo os critérios de avaliação do Ministério da Educação. Quanto a cursos de línguas adicionais, 71,4% afirmam já ter freqüentado algum, sendo que, desse total, 36% estudaram por até dois anos, 44% não ultrapassaram os cinco e apenas 20% permaneceram em uma escola de idiomas por um período superior a cinco anos.

Assim, parece haver uma ligação entre a formação dos professores em L2 e a sua preferência por dicionários bilíngües. Há, com certeza, outros fatores que contribuem para esse resultado, como o contexto de ensino em que os docentes atuam, os hábitos de uso da língua-alvo durante e pós-faculdade, formato do material (os dicionários monolíngües, em geral, não são publicados na versão “de bolso” ou “mini”, como ocorre com os bilíngües) e limitações econômicas. Aliás, um professor resumiu a questão do problema financeiro, que pode interferir na aquisição de dicionários, da seguinte forma: “possuo dois, mas são muito ruins; os bons são caros, por isso não os compro”<sup>5</sup>.

Além da preferência pelo bilíngüe, a visão de “consulente-aprendiz” persiste quando observamos a concepção docente de “bom dicionário”. Por exemplo, embora de modo geral a habilidade oral não seja a mais enfocada nas aulas de LE no Ensino Fundamental, a “transcrição fonética” ou “pronúncia” foi a mais citada como característica constituinte de um bom dicionário.

## O USO DO DICIONÁRIO E O ENSINO DE VOCABULÁRIO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

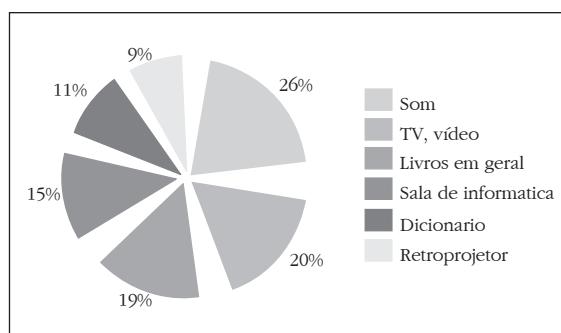
Direcionemos nossa atenção às percepções do docente quanto ao uso do dicionário como ferramenta de ensino. Quanto à definição de dicionário, as predominantes, nitidamente influenciadas pelo olhar pedagógico, foram “material de apoio” (38,4%) e “fonte de consulta” (23%). Coincidemente, as mesmas expressões são utilizadas pelos PCN para referir-se a esse tipo de obra, o que parece revelar uma concepção semelhante

---

<sup>5</sup> O trecho reproduz a resposta fornecida por um dos docentes participantes desta pesquisa.

a respeito do papel do dicionário em aulas de LE, apenas como obra para consultas ocasionais e não como instrumento de aprendizagem. Na verdade, essas duas representações transparecem em outros momentos dos questionários, embora caiam em contradição quando apenas 15% dos docentes citam o dicionário como material de apoio<sup>6</sup> com freqüência bem menor em relação a outros instrumentos, tais como som, TV ou até mesmo a sala de informática, conforme o visualizado na Figura 3.

**Figura 3.** Materiais de Apoio Mais Utilizados por Professores em Aulas de LE.



A nosso ver, a discrepância detectada nas respostas dos docentes pode indicar o descompasso existente entre a concepção que possuem a respeito da obra lexicográfica e o uso que realmente fazem dela durante sua prática pedagógica. Além disso, embora admitamos que os instrumentos ou ferramentas de apoio enumerados pelos professores possam ser úteis durante o processo de ensino-aprendizagem de uma LE, precisamos reconhecer que o dicionário destaca-se entre esses como o maior portador de informações lingüísticas propriamente ditas, podendo, por isso, ser considerado, como um dos aspectos externos<sup>7</sup> que contribuem para a aquisição lexical.

<sup>6</sup> O material de apoio a que nos referimos abrange todos os recursos didáticos adicionais que o docente utiliza como estímulo à aprendizagem dos alunos.

<sup>7</sup> Leffa (2000, p. 23) define como “aspectos externos” tudo o que possa ser oferecido ao aprendiz para promover a sua aquisição lexical.

O uso reduzido do dicionário não significa, porém, que a rejeição a esse material, tão disseminada durante alguns anos, ainda permaneça entre os sujeitos participantes da pesquisa. Pelo contrário, 82% dos docentes acreditam que um dicionário possa enriquecer uma aula. Em contrapartida, há posições isoladas que demonstram certa ressalva quanto ao uso dessa obra devido à “dependência” que ela possa causar; à “demora” no seu manuseio; à “não adequação a qualquer tipo de atividade” e à “falta de tempo”. Summers (1996, p. 112) admite que a rejeição ao dicionário por docentes seja, em muitos casos, uma reação ao “uso escravizante” dos dicionários bilíngües pelos estudantes. No entanto, uma das habilidades que o aluno precisa ser ajudado a desenvolver é a decisão quanto à necessidade ou não da consulta e se ela será uma estratégia útil para uma dada situação (NESI, 1999, p. 53; NATION, 2002, p. 285).

No entanto, o prestígio do dicionário, revelado no reconhecimento por grande parte dos professores sujeitos desta pesquisa, de sua possível contribuição à aprendizagem de L2, nem sempre se reflete na prática. Por exemplo, ao mesmo tempo em que 82% dos docentes reconhecem que um dicionário possa enriquecer uma aula, apenas 15% deles o mencionam como material de apoio durante suas aulas e somente 34% afirmam já ter indicado algum dicionário a seus alunos para fins de aquisição. Esse contraste entre o conceito de dicionário como algo útil às aulas de LE e o real espaço ocupado por esse material entre as atividades didáticas pode ser um “sintoma” do diagnóstico que procuramos, quanto à utilização desse material: os docentes, em sua maioria, reconhecem o potencial do dicionário, mas não o exploram como poderiam.

Essas deduções encontram apoio nas respostas dos professores sobre as possíveis situações em que a obra lexicográfica é útil ou necessária numa atividade de ensino. Nesse particular, de modo geral, as situações apontadas são abrangentes, tais como “tira-dúvidas” (25,6%) ou “leitura” (17,9%), e não fornecem informações detalhadas sobre atividades que explorem habilidades específicas ou as possibilidades de uso do dicionário e, muito menos ainda, fazem qualquer menção ao ensino da utilização dessa ferramenta pedagógica, conforme ilustra a Tabela 1, a seguir:

**Tabela 1.** Situações em que o Dicionário pode Enriquecer a Aula de LE, Segundo os Professores.

Situações de Uso do Dicionário	(%)
Tirar dúvidas dos alunos e dos professores.	25,6
Leitura.	17,4
Ensinar o aluno a resolver situação-problema.	10,2
Ampliar o vocabulário.	7,6
Pronúncia.	7,6
Tradução.	5,1
Diminuir a dependência do professor.	5,1
Em situações didáticas planejadas.	5,1

A respeito das contribuições didáticas do dicionário, os dados da Tabela 1 demonstram que poucos docentes associam essa ferramenta à aprendizagem do vocabulário ou reconhecem a necessidade de sua utilização de forma “planejada” ou sistemática, diferentemente de uma ocasional consulta cuja finalidade, na maior parte das vezes, não ultrapassa a procura pelo significado das palavras. Aliás, a expressão “tira-dúvidas” é recorrente tanto entre alunos quanto entre professores, reforçando um dos empregos mais comuns do dicionário.

De fato, a partir dos resultados obtidos, observamos que nem o dicionário nem o léxico são trabalhados de forma sistemática pelos professores. Por exemplo, apenas 64% deles afirmam já ter desenvolvido alguma atividade específica para ensinar o vocabulário, sendo o “texto” (23%), quer na interpretação quer na tradução, o “dicionário” (12%) e o “uso de figuras” (7%) os tipos de atividades mais citados. Tendo em vista que a aprendizagem do léxico contribui na ampliação do “universo nocional e lingüístico do falante” (BIDERMAN, 1992, p. 552), entendemos que esses percentuais indiquem graves deficiências no desenvolvimento da competência lexical dos alunos em aulas de L2.

Isso não significa que não sejam mencionadas atividades que empreguem outras estratégias para a aprendizagem lexical ou que explorem outros aspectos do léxico. Sim, elas aparecem nos questionários, mas

de forma isolada. Por exemplo, um professor declara que os estudantes produzem “um glossário toda aula”, outro que tenta ajudar seus alunos a “relacionar a classe gramatical e o significado das palavras” e ainda outro que se esforça para “ensinar símbolos fonéticos”. Contudo, essas experiências individuais não refletem o comportamento do grupo que, como um todo, demonstra conhecer poucas estratégias e possibilidades de ensino do vocabulário, bem como da utilização do dicionário. Provavelmente, um dos possíveis fatores que contribua para esse quadro seja a própria formação dos docentes, como verificamos nas respostas registradas na Tabela 2 acerca do tipo de informação a que tiveram acesso:

**Tabela 2.** Fundamentos de Lexicografia a que o Docente Tem Acesso Durante a Formação Universitária.

Informações Recebidas	(%)
Noções sobre Lexicologia e Lexicografia.	42,8%
Orientação para manusear seu próprio dicionário de L2.	65,7%
A estrutura e a tipologia dos dicionários de L2.	45,7%
Estratégias para o emprego do dicionário em sala de aula.	37,1%
As contribuições do dicionário para a aprendizagem de L2.	34,2%
Ensino sistemático do vocabulário.	42,8%

Conforme mostra a Tabela 2, a única instrução a que mais da metade dos professores declarara ter tido acesso foi a relacionada ao uso de seus próprios dicionários (65,7%). Ressalte-se que menos de 40% deles receberam informações específicas a respeito das contribuições e das possibilidades de uso do dicionário como instrumento de aprendizagem, e apenas um pouco mais do que isso (42,8%) foi orientado quanto ao ensino sistemático do vocabulário.

Reconhecemos que muitos outros aspectos possam estar vinculados ao que temos diagnosticado até aqui, mas acreditamos que esses dados acerca da formação docente interfiram de forma significativa na relação

existente entre o uso do dicionário e o ensino do vocabulário em aulas de L2 no Ensino Fundamental.

No que se refere às dificuldades encontradas no uso do dicionário durante as aulas de LE, depois do número insuficiente de exemplares (56%), os docentes declararam como o segundo maior obstáculo a inaptidão dos alunos para manusear esse material didático (46%). Ao mesmo tempo, porém, em que os docentes apontam a inaptidão de seus alunos como consultentes, as respostas dos discentes revelam que, de forma geral, tanto em EPA quanto em EPU<sup>8</sup>, os professores fornecem pouca orientação aos alunos quanto ao uso do dicionário. Isso pode ser evidenciado no fato de uma tarefa básica, como a localização de uma palavra nesse tipo de obra, ter sido registrada como a principal dificuldade dos alunos ao consultarem seu próprio dicionário.

Uma professora participante desta pesquisa, em resposta à questão relacionada às dificuldades enfrentadas ao incluir o dicionário em suas aulas, retratou o problema da seguinte forma: “Os alunos, em muitas vezes, não têm domínio/habilidade no uso do dicionário. Então muitos deles reclamam de não ter encontrado tal palavra. Quando vou atendê-los e procurá-los, logo encontro a palavra procurada e eles me dizem: ‘como a senhora encontrou rápido!’”.

Essa reduzida habilidade quanto ao uso do dicionário no ambiente escolar parece estar relacionada à falta de intimidade com a utilização da obra lexicográfica, o que limita os benefícios desse compêndio como instrumento de aprendizagem para os estudantes (HAYATI e MOHAMMADI, 2005, p. 64). Esse fato que pode estar associado à mentalidade bastante difundida entre os professores de que essa habilidade já deveria ter sido desenvolvida previamente ou que seria algo “automático”, tornando o ensino da consulta ao dicionário o que Andrade (1992, p. 69) nomeia de “currículo esquecido”, pelo fato da escassez de discussões a respeito da necessidade desse tipo de conhecimento e muito menos acerca de uma abordagem sistemática para o seu ensino. Aliás, essa é uma postura subacente até mesmo nas diretrizes de ensino de LE, no sistema oficial de ensino.

---

<sup>8</sup> Cf. dados da Figura 1.

Os PCN, além de fazerem pouquíssimas referências ao uso do dicionário e de não incentivarem ou proporem um trabalho específico com esse material didático, apenas o mencionam como “material de apoio” a ser utilizado durante a produção escrita. E, mesmo nesse caso, não há orientações específicas nem quanto ao uso do dicionário nem quanto aos critérios de escolha dessa ferramenta didática.

Todavia, conforme já discutido neste trabalho, o uso do dicionário configura-se como uma interação comunicativa com regras de funcionamento próprias que precisam ser conhecidas pelos seus usuários, de maneira a garantir a utilização desse material de forma que atenda às necessidades comunicativas do consulente.

Estudiosos como Binon e Verlinde (2000, p. 129), por exemplo, assinalam que o manuseio do dicionário não se aprende por si mesmo e, por essa razão, sugerem que o ensino de seu uso faça parte de uma programação sistemática do ensino do vocabulário. Também Nesi (1999) e Nation (2002) defendem que a utilização do dicionário por aprendizes de L2 envolve um conjunto de habilidades que, para serem dominadas, requerem treinamento sistemático. Nessa perspectiva, defendemos que a utilização da obra lexicográfica como estratégia efetiva de aprendizagem de vocabulário só será possível se os consulentes forem ensinados a utilizar e explorar esse tipo de obra.

Outro dado interessante é que, ao registrarem as dificuldades no trabalho com o dicionário, os docentes associam grande parte dos problemas ao usuário, descartando assim outros fatores que afetam essas dificuldades, como o treinamento necessário e as características das obras utilizadas. Para se ter uma idéia, 66% desses professores pesquisados associam essas dificuldades ao comportamento do aluno, e apenas 10% às características do dicionário.

Com relação aos alunos, depois da inaptidão, os professores apontam os seguintes obstáculos, quanto ao uso do dicionário em sala de aula: “não força o aluno a memorizar o vocabulário”; “o aluno se apega ao dicionário como o único recurso para aprender a matéria”; “falta de vontade em ler, pesquisar”; “não gosto de utilizar o dicionário, pelo

fato de o aluno ficar muito acomodado e não se esforçar em aprender”; “os alunos geralmente não sabem consultá-lo. E o perigo de os alunos traduzirem palavra por palavra, por exemplo”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, podemos destacar alguns resultados. Por exemplo, o grupo docente participante desta pesquisa é constituído por um grupo de professores jovens, com formação recente, tempo de atuação no magistério inferior a dez anos e que possui como principal clientela alunos do Ensino Fundamental. No que se refere ao uso do dicionário, verificamos que a grande maioria possui um dicionário, sendo esse da mesma tipologia predominante entre os alunos, ou seja, a bilíngüe. Entre outros fatores observados, detectamos que os professores ainda encaram o dicionário de língua inglesa mais como um material para sua própria aprendizagem do que um recurso de ensino.

Enquanto material didático, constatamos que, embora não haja rejeição a esse tipo de obra durante as aulas de L2 e boa parte dos professores reconheça o seu potencial enquanto ferramenta de aprendizagem, há pouca atenção direcionada a esse tipo de obra, que é pouco associada à aquisição de vocabulário.

Observamos, ainda, que a ausência de um trabalho sistemático voltado para o uso do dicionário e para o ensino do vocabulário, conforme indicam os dados obtidos nesta pesquisa, parece estar relacionada à formação docente, que não contempla espaço específico para o estudo das contribuições da Lexicografia para a aprendizagem lexical em L2.

Esses dados apontam, portanto, para a necessidade de um repensar dos currículos dos cursos de licenciatura com habilitação em línguas estrangeiras. O primeiro passo poderia ser o aprimoramento da formação dos estudantes do curso de Letras enquanto consultentes, já que precisam tornar-se mais do que um “consultente-aprendiz”, mas sim um “consultente-instrutor”. Para isso, a inserção de tópicos como uma visão geral da obra lexicográfica, incluindo um conhecimento da macro e microestrutura

ra, classificação tipológica e análise crítica de dicionários, conhecimentos mínimos que permitem ao futuro docente selecionar e indicar uma obra lexicográfica adequada às necessidades de seus alunos.

Também entendemos que as contribuições da Lexicografia Pedagógica<sup>9</sup>, tais como estratégias de ensino de vocabulário, critérios de seleção do repertório vocabular a ser ensinado, desenvolvimento das habilidades para o uso do dicionário e exploração desse material enquanto recurso de aprendizagem lexical, enriqueceriam os programas dos cursos de licenciatura com habilitação em línguas estrangeiras, oferecendo melhores subsídios para o futuro professor de LE.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. F. Dicionários: meta, atalho ou mito? *The Specialist*, São Paulo: Centro de Pesquisas, Recursos e Informações em Leitura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Cepril), v. 13, p. 65-74, 1992.
- BIDERMAN, M. T. C. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOLOGIE ROMANES, 20., 1992, Zurique. *Anais...* Tome 4, Section 6, Lexicographie/Iberoromania, Zurique, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Teoria lingüística (teoria lexical e lingüística computacional)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BINON, J; VERLINDE, S. A contribuição da lexicografia pedagógica à aprendizagem e ao ensino de uma língua estrangeira ou segunda. In: LEFFA, V. J. (Org.). *As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem de línguas*. Pelotas: Educat, 2000. p. 93-118.
- \_\_\_\_\_. Como otimizar o ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira ou segunda? In: LEFFA, V. J. (Org.). *As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem de línguas*. Pelotas: Educat, 2000. p. 11-165.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC, 2000.
- BROWN, C; HATCH, E. *Vocabulary, semantics and language teaching*. UK: Cambridge, 1995.
- CARDOSO, S. H. B. *Discurso e ensino*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- CARTER, R; MCCARTHY, M. *Vocabulary and language teaching*. 6. ed. UK: Longman, 1996.

<sup>9</sup> Cf. Binon e Verlinde (2000, p. 111-112).

- FÉRNANDEZ-SEVLHA, J. *Problemas de lexicografía actual*. Bogotá: Instituto Caro e Cuervo, 1974.
- HARTMANN, R. R. K. (Ed.) *Thematic Network Projects, sub-project 9 – Dictionaries – Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three*, [s.n.], p. 53-67, 1999. Disponível em: <<http://www.web.fu-berlin.de/clc/tnp1/SP9dossier.p.d.f>>. Acesso em: 10 jan. 2006.
- HAYATI, A. M; MOHAMMADI, M. P. A comparative study of using bilingual and monolingual dictionaries in reading comprehension of intermediate level. *The Reading Matrix*, [s.l.], v. 5, n. 2, sept. 2005. Disponível em: <<http://www.readingmatrix.com.articles>>. Acesso em: 29 dez. 2005.
- HERNÁNDEZ, H. *Los diccionarios de orientación escolar*– Contribuição al estudio de la lexicografia española. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.
- LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. IN: ISQUERDO, A. N; KRIEGER, M. G. (Orgs.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. 2. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2004. p. 133-152.
- LEFFA, V. J. (Org.). *As palavras e sua companhia*: o léxico na aprendizagem de línguas. Pelotas: Educat, 2000.
- MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie*. Paris: Marcel Didier, 1953.
- NATION, I. S. P. *Learning vocabulary in another language*. 3. ed. UK: Cambridge, 2002.
- NESI, H. The specification of dictionary reference skills in higher education. In: HARTMANN, R. R. K. (Ed.) *Thematic Network Projects*. Subproject 9 – Dictionaries – Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three, p. 53-67, 1999. Disponível em: <<http://www.web.fu-berlin.de/clc/tnp1/SP9dossier.p.d.f>>. Acesso em: 10 jan. 2006.
- HARTMANN, R. R. K. (Ed.) *Thematic Network Projects*. Subproject 9 – Dictionaries – Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three, 1999, p. 53-67, 1999. Disponível em: <<http://www.web.fu-berlin.de/clc/tnp1/SP9dossier.p.d.f>>. Acesso em: 10 jan. 2006.
- RICHARDS, J. The role of vocabulary teaching. *TESOL Quarterly*, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 77-89, 1976.
- SAPIR, Edward. *A Lingüística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- SCARAMUCCI, M. V. R. A competência lexical de alunos universitários aprendendo a ler em inglês como língua estrangeira. In: *D. E. L. T.A*, São Paulo: EDUC, p. 215-246, 1997.
- SUMMERS, D. The role of dictionary in language teaching. In: CARTER, R; MC CARTHY, M. (Orgs.). *Vocabulary and language teaching*. 6. ed. UK: Longman, 1996. p. 111-123.